

A AUTORA

**Maria Ignês Carlos Magno**

Professora de História no ensino fundamental e médio em São Paulo. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.

E-mail: unsignes@usp.br

# A HISTÓRIA QUE A ESCOLA NÃO CONTA

**D**iscutem-se as novas Leis de Diretrizes e Bases, criam-se propostas de trabalho com a História e aparecem livros reformulados ou totalmente escritos sob a ótica atual dos Parâmetros Curriculares para que sejam analisados e adotados.

Estudando essas propostas, um mesmo fato se constata: na edição dada à História, alguns acontecimentos não compõem os sumários ou, quando aparecem, fazem parte de um quadro-síntese na lista de acontecimentos.

Pensando na mesmice a que se resume o ensino de História, acompanhando e apostando nas tentativas de reformulações curriculares e acreditando que, apesar do

discurso capitalista globalizado, as revoluções são eternas, resolvi escrever sobre lutas esquecidas pelas páginas dos livros didáticos. Selecionei para este número de **Comunicação & Educação** três filmes: *A Batalha de Argel*, *Terra e liberdade* e *Terra estrangeira*<sup>1</sup>. Enquanto a Guerra da Independência argelina e a Guerra Civil espanhola, temas dos dois primeiros títulos sugeridos, fazem parte dos assuntos quase nunca abordados em sala de aula, o último título – *Terra estrangeira* – dá continuidade à proposta de apresentar aos leitores da revista filmes e documentários que discutem aspectos da História brasileira e estão disponíveis nas locadoras.

1. Estes filmes podem ser encontrados na videolocadora 2001. Av. Cidade Jardim, 1000 – São Paulo – SP. Tel.: (0\_\_11)813-7546.

### **A Batalha de Argel**

Direção: Gillo Pontecorvo

Roteiro: Franco Saline

Fotografia: Marcelo Gatti

Montagem: Mário Gerandrei e

Mário Mora

Música: Ênio Morricone

Produção: Sérgio Morello

Duração: 100min.

O filme mostra, numa narrativa dinâmica e movimentada, a batalha de Argel e os principais acontecimentos que antecederam o processo de independência da Argélia, entre os anos de 1957-62. O protagonista do filme é também o protagonista da luta dos argelianos contra a colonização francesa: Ali de la Poente, um dos líderes da FLA (Frente de Libertação da Argélia).

Se considerarmos que a Argélia faz parte do Magreb que é, ao mesmo tempo, uma unidade geográfica e histórica, a inter-relação entre história e geografia é tema básico para pesquisa. Geograficamente, trata-se de uma área atravessada pela cadeia do Atlas – maciço montanhoso que divide o Magreb (conjunto formado pela Tunísia, Argélia e Marrocos) em uma faixa de terras úmidas e férteis com clima ameno e uma faixa árida ao Sul, dominada pelo deserto do Saara. Historicamente, o Magreb caracteriza-se pela religião muçulmana, produto da expansão maometana do Norte da África, e pela colonização francesa do século XIX.

A recuperação histórica e geopolítica desses espaços territoriais e de seus conflitos políticos pode ser o início dos estudos sobre o processo de descolonização e sobre as lutas de independência da África e da Ásia durante as décadas de 50, 60 e 70.

Embora o filme trate de um período específico das lutas e dos combates ocorridos, tenha se concentrado na atuação da FLA e mostrado a pesada derrota imposta aos militantes da Frente até à libertação efetiva da Argélia, em 1962, esse filme sugere e instiga a busca de outros acontecimentos que nos levam a entender o processo em sua totalidade. Alguns dos fatos importantes que podem ser estudados são: o significado da Segunda Guerra para o nacionalismo contemporâneo, em especial, o nacionalismo argelino; a situação da França durante a Segunda Guerra e sua divisão interna diante da dominação alemã; a posição dos *pieds-noirs* (pés negros, como eram chamados os franceses porque lutavam com botas pretas, enquanto os guerrilheiros lutavam descalços); e a luta dos africanos contra o Eixo – Alemanha, Itália e Japão – pelo restabelecimento dos territórios africanos na esperança de um estatuto de igualdade após o final da guerra.

---

Como nada disso aconteceu,  
entre os anos de 1945-54  
organizaram a Frente de  
Libertação da Argélia, formada  
por todos aqueles que eram  
anticolonialistas.

---

Básico também é desenvolver uma pesquisa sobre as várias fases da guerra e, particularmente importante, é o estudo da FLA, de seus líderes e táticas de guerra. Nesse contexto é possível entender as relações existentes entre os guerrilheiros e o general De Gaulle, desde a formação do governo da Frente no exílio – Trípoli – até a assinatura da independência da Argélia, em 02/07/1962. Para

finalizar, sugiro uma reflexão sobre as palavras de um dos líderes da Frente de Libertação: “começar uma revolução é difícil e vencer é difícilimo, mas não impossível”.

**Terra e liberdade** (Land and Freedom)

Direção – Ken Loach

Inglaterra: 1995

Duração: 109min.

Depois que Dave Carr faleceu, devido a um ataque cardíaco, sua neta, remexendo as velhas coisas de seu avô, fez duas descobertas que a deixaram intrigada: um lenço surrado, contendo um punhado de terra, e uma pasta com fotos e recortes de jornais. Ambos relacionavam-se com a Guerra Civil Espanhola, da qual seu avô fizera parte. A ação volta-se para 1936. O jovem Dave Carr avisa a sua namorada que vai para a Espanha, junto com seus companheiros de partido, lutar contra o fascismo. Assim que chega, integra-se apaixonadamente ao cenário das lutas ideológicas que lá encontra. Aos poucos, porém, vai descobrir outras faces de uma mesma luta.

Como em *Batalha de Argel*, em que o filme mostrou uma das faces das lutas de independência da Argélia, *Terra e Liberdade* narra, através da memória de um dos milhares de estrangeiros que foram para a Espanha lutar contra o fascismo, uma das faces de uma guerra que hoje é vista, ao mesmo tempo, como a última guerra romântica da história e também a última grande causa da humanidade.

Como esta guerra guarda uma certa complexidade de interpretação e análise, vou sugerir, além de um roteiro temático necessário e um tanto óbvio, uma outra leitura. Para compreendermos o filme e a história narrada é importante recuperar o

período entreguerras; a ascensão dos regimes autoritários no mundo; a situação particular da Espanha no contexto das duas guerras mundiais; as lutas antifascistas no mundo; as lutas de resistência e a Espanha (e a sua guerra civil) como o espaço de maior resistência contra o nazifascismo. Não podemos também deixar de propor um estudo dos vários partidos e grupos políticos da Espanha, suas origens e formulações ideológicas, entre tantos outros aspectos que aparecerão no momento da pesquisa. Também seria bastante elucidativa uma *leitura* do diálogo entre o nacional e o internacional naquele momento histórico.

Começaria por uma pesquisa, já que estamos num ano de Jogos Olímpicos, sobre a Olimpíada Popular de Barcelona, em 1936.

---

Os primeiros estrangeiros  
que lutaram na guerra civil  
espanhola foram os atletas dos  
vários países que lá estavam  
para os jogos olímpicos.

---

Depois, num trabalho conjunto com outras disciplinas, proponho que se discuta, através dos participantes estrangeiros na guerra, a atuação de seus países de origem, suas histórias particulares e sua produção intelectual. Ernest Hemingway, por exemplo, lutou e depois escreveu *A quinta-coluna*, participou do roteiro de um filme *Tierra Española* e escreveu *Por quem os sinos dobram?* George Orwell, inglês e integrante do Partido Socialista, lutou, como o personagem do filme, nas fileiras do POUM (Partido Operário de Unificação Marxista, de tendência trotskista.) De-

pois que deixou a guerra, escreveu *Lutando na Espanha*. André Malraux, francês que formou uma esquadrilha particular para combater na Espanha, escreveu livros e dirigiu um filme sobre a guerra. Simone Weil, judia comunista e combatente, também escreveu obras sobre a guerra. Albert Camus tornou-se um porta-voz da guerra contra os fascistas. Charles Chaplin, Bette Davis, Clark Gable e Humphrey Bogart formaram um Comitê de Apoio dos cineastas americanos à República espanhola, arrecadando 1,5 milhão de dólares para as vítimas da guerra.

Sugiro, ainda, pesquisar a posição dos Estados Unidos nos conflitos e sua aparente neutralidade frente aos combates. Como era aparente também a neutralidade dos demais países, em particular os latino-americanos Cuba, Chile, Argentina, Peru, Colômbia e México (único país a se declarar oficialmente a favor da República). Cada um com um contexto interno específico, porém envolvidos no conflito espanhol. Nesse ponto é fundamental o estudo das situações internas desses países e suas relações com a guerra civil.

No caso do Brasil, a participação direta de combatentes foi pequena, apenas 40 foram para as frentes de batalha, integrando o Batalhão Garibaldi – 12ª Brigada Internacional, formada por brasileiros e italianos. No entanto, a intensidade dos debates políticos e a produção intelectual merecem destaque e aprofundamento. Em especial, a produção literária. Como sabemos, o Brasil de Vargas começava a viver o fechamento político-reformista que existiu até 1934.

---

### Em 1935, após a derrota do levante comunista, a esquerda empenha suas esperanças na República Espanhola.

---

Se poucos foram para os campos de luta na Espanha, aqui, mesmo proibidos ou presos pelo regime, os intelectuais fizeram da literatura a arma para denunciar e noticiar a guerra. Na época, para citar alguns, Manuel Bandeira escreveu *No Verso* e em *Meu Coração*; Carlos Drummond de Andrade publicou *Notícias da Espanha*; Monteiro Lobato, na prisão, traduziu *Por quem os sinos dobram?* Érico Veríssimo publicou *Saga*; Jorge Amado, no volume 2 de *Subterrâneos da Liberdade*, também escreveu sobre a guerra civil espanhola.

Nessa linha artístico-literária, voltamos à Espanha, pois não podemos deixar de conhecer e de estudar aquele que, mesmo não tendo participado diretamente dos combates, morreu pela revolução – o poeta espanhol Federico García Lorca<sup>2</sup>. Também podemos citar o pintor Pablo Picasso e seu estupendo *Guernica*.

Se vista como “uma ferida aberta que sangra e faz doer a alma espanhola”, como escrevia Camus – vale lembrar as palavras apaixonadas de Dolores Ibárruri, em *La Pasionaria*, quando disse que era preferível morrer em pé do que viver de joelhos. A guerra pode ser entendida como romântica mas se pensarmos na frase do personagem Dave Carr – “as revoluções contagiam e se tivéssemos vencido teríamos mudado o mundo” – teremos uma outra visão, que pode ser explicada pela resposta de Hobsbawm,

2. GARCÍA LORCA, Federico. *Tengo miedo a perder la maravilla*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n.13 set./dez.1998, p.121. (N.Ed.)

quando perguntado porque tantos judeus foram lutar na guerra civil espanhola. Ele respondeu que, entre não ter um futuro e lutar por um futuro, por uma causa, preferiram lutar. A luta pela República representava a luta contra o fascismo. A guerra, portanto, sob este prisma, é ideológica.

### **Terra estrangeira**

Direção: Walter Salles e Daniela Thomas  
Roteiro: Daniela Thomas, Walter Salles e Marcos Bernstein

Fotografia: Walter Carvalho

Música: José Miguel Wisnik

Montagem: Walter Salles e Felipe Lacerda

Co-produção Brasil: Paula Dantas e Movi-art

Co-produção Portugal: Antônio da Cunha Telles e Maria João Mayer

Diálogos adicionais: Millôr Fernandes  
Brasil: 1995

Duração: 100min.

Brasil, março de 1990. O plano econômico do governo Collor leva o País ao caos. A vida de Paco, um jovem estudante paulista, desmorona com a morte da mãe e o fim do sonho de ser ator. Paco decide deixar o Brasil. Para alcançar seu objetivo, aceita levar um objeto contrabandeado para Lisboa. Lá, conhece Alex, o amor e o perigo da morte.

A reflexão sobre nossa história, através do olhar intimista de Walter Salles e de Daniela Thomas pode começar pelo próprio título do filme: *Terra estrangeira*, em contraponto com o título *Terra e liberdade*, travando uma discussão sobre o sentido de ser ou não ser estrangeiro na história, na vida, na terra, em nossa própria pátria.

A história relatada na sinopse do filme nos dá a impressão, num primeiro instante, de que assistimos a apenas mais uma

trama policial amorosa. Se olharmos de uma outra maneira, descobriremos uma abordagem diferente, uma abordagem que geralmente os filmes de Salles nos impõe: uma incursão pelo interior da história, pelo nosso interior.

Do Brasil físico, pouco vemos no filme, a não ser o minhocão com as propagandas das cuecas *Mash* e das calcinhas *Hope* estampadas nos prédios. Da referência histórica, as caras e as bocas de Fernando Collor e Zélia Cardoso, anunciando pela TV as medidas econômicas que levariam o País a um caos ainda maior.

---

Salles e Daniela mostram um tipo de caos provocado pela demência dos governos: a morte de pessoas, dos sonhos guardados nas gavetas ou nas cadernetas de poupança.

---

Tanto que no filme destaca-se a luta de uma personagem para realizar o sonho de retornar à terra de origem – San Sebastian, cidade basca que vive sob o domínio da Espanha. Um estrangeirismo. Duplamente estrangeira era a mãe de Paco. Duplamente estrangeira foi a vida de Paco na tentativa de realizar os sonhos da mãe e chegar a San Sebastian, via Portugal. Do ponto de vista histórico, o filme nos dá pistas para descobrirmos, o Brasil contemporâneo e a nossa forma de participar no capitalismo globalizado.

Apesar da estranheza, podemos, pelo curto trecho que recupera falas do ex-presidente Collor e da ex-ministra Zélia, refletir sobre aspectos de nossa história que podem nos levar a uma discussão sobre a atual situação brasileira e mundial. Pode-



mos começar pela compreensão do conceito de globalização; das mudanças que se processam no modo de produção e na redefinição do mundo do trabalho; acompanhar, no âmbito mundial e analisar a trajetória das crises asiática (1997) e russa (1998). O governo Sarney (1985), a Constituição de 1988; o processo eleitoral de 1989; o governo Collor, os planos Cruzado e Collor. O governo Itamar Franco e a projeção de Fernando Henrique Cardoso, sua eleição e o atual projeto neoliberal para o Brasil são outros eixos ricos para discussão. Tudo de acordo com as regras ditadas pela “nova ordem mundial”. Nesse contexto, cabem algumas perguntas que interligam ficção e realidade. O filme nos deixa em dúvida sobre Paco ter conseguido ou não cruzar as

fronteiras da morte e da Espanha. A fala de Alex “eu vou te levar para casa” nos intriga e nos coloca diante de algumas perguntas: Que tipo de estrangeirismo vivemos hoje? Que causas temos?

Nessa linha de raciocínio (existem outras), penso que seja interessante observar as atuais manifestações protagonizadas por aqueles que aparentemente vivem num mundo em que a abundância é a regra. Pela primeira vez, nesses últimos anos, americanos e europeus estão voltando às ruas para protestar não só contra o capitalismo globalizado e seus produtos e subprodutos – como a miséria e a devastação do planeta – mas contra organismos como o Fundo Monetário Internacional – FMI, exigindo que sua pauta contemple questões fundamentais para o desenvolvimento da sociedade.<sup>3</sup>

---

3. A autora refere-se ao movimento iniciado por jovens, por ONGs e sindicatos do Primeiro Mundo, e que teve uma de suas grandes expressões em Seattle, Estados Unidos, em novembro de 1999, durante a conferência da Organização Mundial do Comércio – OMC – contra o Fundo Monetário Internacional – FMI, o Banco Mundial e a globalização. Em abril deste ano houve a segunda manifestação, em Washington e, em setembro ocorre novo protesto em Praga, República Tcheca, onde acontecerá o 3º Encontro do FMI e do Banco Mundial. Tal movimento abriga mais de 250 entidades. (N. Ed.)